

FÉLIX GUATTARI E AS REVOLUÇÕES MOLECULARES: UMA OPOSIÇÃO À SUBJETIVIDADE CAPITALÍSTICA*

Maria Eliane Rosa de Souza*

Resumo: A que e a quem Guattari se dirige nas reflexões que faz em *Caosmose: um novo paradigma estético* e *Micropolítica: cartografias do desejo*? Ele se dirige à subjetividade, à abertura de novos territórios para as identidades plurais e para as minorias que resistem à homogeneização imposta pela sociedade capitalista contemporânea. Para o pensador, o problema central está em que o mundo atual encontra-se marcado pela incessante mudança de territórios, por desterritorializações e reterritorializações. Os indivíduos, nele inseridos, vivem em crise, se equilibrando e tentando alcançar a velocidade com que o Capitalismo Mundial Integrado e o mercado por ele produzido, fazem e desfazem das situações. Guattari lembra que a subjetividade nascente nessas circunstâncias não é de forma alguma simplista e defende a tese de que ela não se situa no nível dos sistemas tradicionais unívocos ou binários, mas resulta de determinações coletivas de várias espécies, não apenas sociais, mas econômicas, tecnológicas, culturais, semiológicas, midiáticas; resulta, enfim, de uma complexidade de elementos que constituem propriamente o mundo contemporâneo. Nesse contexto, o nascimento de um novo sujeito interpõe-se inevitavelmente. Mas, no âmbito da sociedade capitalística o que esse sujeito pode e deve fazer para garantir sua singularidade? Ele deve promover revoluções moleculares isto é, deve resistir, ‘re’-significar-se, afirmar-se, em oposição a essa fábrica de subjetividade serializada, que cede à pressão da economia e do consumo. Estes são os elementos a serem tratados ao longo desta análise que, à luz do pensamento de Guattari, afirmará – pela via das revoluções moleculares e da micropolítica – a vivência positiva da criatividade, a multiplicidade das vontades e a resistência social.

Palavras-chave: Guattari; revoluções moleculares; subjetividade capitalística; micropolítica; minorias.

1. O Capitalismo Mundial Integrado e a subjetividade capitalística

Félix Guattari em *Micropolítica: cartografias do desejo* e *Caosmose: um novo paradigma estético* defende a tese de que o mundo contemporâneo é marcado por mudanças de territórios e por heterogêneses. Os indivíduos, nele inseridos, vivem em busca de suas identidades e tentando se localizar diante das polifonias, vivem em crise constante, se equilibrando e tentando alcançar a velocidade com que o mercado faz e desfaz das situações. Pressionados por essas circunstâncias os inconscientes protestam

* O presente trabalho é fruto do Projeto de Pesquisa desenvolvido junto a Pro-Retoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Federal de Goiás, intitulada: *A construção da subjetividade contemporânea em Deleuze e Guattari: entre singularidades, multiplicidades e diferenças*.

* Professora Doutora do Instituto Federal de Goiás – Campus Goiânia – Departamento de Áreas Acadêmicas 1, Coordenação de Ciências Humanas e Filosofia. E-mail: Eliane.souza@ifg.edu.br.

cada vez mais, no sentido de buscarem sua afirmação ou mesmo sua “re”invenção. O nascimento desse novo sujeito ocorre no contexto do capitalismo Mundial Integrado e, portanto, em meio a uma fábrica de subjetividade serializada, que cede à pressão da economia e do consumo.

Sobre essa questão, Suely Rolnik na apresentação que faz à *Micropolítica: cartografias do desejo*, argumenta:

[...] quando ousamos criar qualquer território singular, isto é, independente de serializações subjetivas; por medo de essa marginalização chegar a comprometer até a própria possibilidade de sobrevivência [...], acabamos reivindicando um território no edifício das identidades reconhecidas. Tornamo-nos assim – muitas vezes em dissonância com nossa consciência – produtores de algumas sequências da linha de montagem do desejo. (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p.12)

Pelo processo de singularização das subjetividades contemporâneas, em busca de novos territórios, a raiz desse sistema fundado na padronização dos desejos sofre um golpe. Guattari segue afirmando que parte do problema da padronização e da serialização das subjetividades envolve a cultura do capital, que se coloca como um forte elemento de contraposição às subjetividades que mobilizam suas próprias intensidades. A consequência disso é que nos tornamos produtores de apenas uma parte da nossa consciência.

Vale destacar que no conjunto das formas sociais estratificadas os sujeitos se tornam incapazes de responder às mutações maquínicas, constantemente reterritorializadas. Se junta a isso o fato de que suas atividades são padronizadas e capitalizadas por uma semiotização dominante e, conseqüentemente, distanciadas de suas realidades políticas. Assim, pode-se afirmar que não existe uma cultura autônoma no nível da produção, da criação e do consumo real; visto que os modos de produção capitalísticos¹ funcionam como uma forma de controle da subjetivação. Tal controle poderia ser designado de “cultura de equivalência” ou de “sistema de equivalência na esfera da cultura”, pelo qual o capital ocupa-se da sujeição econômica e a cultura ocupa-se da sujeição subjetiva.

¹ Sobre os modos de produção capitalísticos, na nota de rodapé 1 Rolnik esclarece: “Guattari acrescenta o sufixo “ístico” a “capitalista” por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do “3º mundo” ou do capitalismo “periférico”, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem uma espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciam do ponto de vista do modo de produção da subjetividade. Elas funcionariam segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libidinal-política.” (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p.15)

Nesse ponto Guattari retoma o conceito de cultura de massa, já trabalhado por Theodor Adorno e por outros pensadores da Escola de Frankfurt, como o elemento fundamental da produção da subjetividade capitalística. A cultura de massa formata indivíduos normalizados e articulados segundo sistemas hierárquicos de valores e de submissão. Tais sistemas não são visíveis ou explícitos, mas dissimulados e têm um objetivo principal de produzir não apenas uma subjetividade individuada (individual) e social (coletiva), mas também uma subjetividade inconsciente. Nesse sentido, Guattari afirma em *Micropolítica: cartografias do desejo*:

[...] essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística, produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos. (p.16)

A subjetividade capitalística contemporânea é, pois, movida pelo Capitalismo Mundial Integrado². Nele não há necessariamente um sujeito de enunciação, mas agenciamentos coletivos de enunciação, que não correspondem nem a uma entidade individuada/individualizada nem a uma entidade social predeterminada. Esses agenciamentos de enunciação encontram-se ligados a todo tipo de linguagem, à semiótica e, portanto, não são centrados em agentes individuais nem em agentes grupais. Eles podem ser construídos/representados duplamente: de um lado, por máquinas de expressão de natureza extra-pessoal/individual, tais como sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, ecológicos, midiáticos, etc; e de outro lado, por máquinas de expressão de natureza infra-humana/pessoal, tais como sistemas de percepção de sensibilidade, afeto, desejo, imagens, valor, biológicos, fisiológicos, corporais, entre outros.

É em meio a essa complexidade de elementos que o CMI passa a atuar na subjetividade das pessoas, instalando-se como uma grande massa produtiva de uma subjetividade industrializada e nivelada em escala mundial. E é essa subjetividade que forma a força coletiva de trabalho e a força de controle social. Chama atenção, sobretudo esse último elemento porque no CMI as classes que detém o poder asseguram um tipo de poder cada vez mais despótico. Guattari alerta para o fato de que o CMI ao mesmo tempo em que manipula e culpabiliza, segrega e infantiliza as pessoas.

Tal modelo de produção da subjetividade não apenas sugere, mas impõe uma manipulação serializada, normalizada e centralizada. O que importa para esse mecanismo de poder é a instalação de grandes categorias redutoras dos sujeitos, por

² A partir desse ponto do texto, designaremos O termo Capitalismo Mundial Integrado de CMI.

meio das quais tradições e valores são varridos rapidamente. Mesmo as semióticas mais ricas e personalizadas não permanecem imunes em relação à manipulação e modelos dominantes aí praticados, em função sobretudo das revoluções industriais-tecnológicas. No que diz respeito à culpabilização, o que se percebe é que as unidades de referências do capital caminham muito rápido e pressionam o sujeito, levando-o a se sentir extremamente incapaz e, conseqüentemente, ao sentimento de autculpa por não conseguir corresponder ao modelo de tempo, eficácia e produtividade que o sistema impõe. Se instarou uma verdadeira luta ou corrida contra a máquina que não cessa de comprovar sua eficácia. Se segue a esse estado de coisas, a segregação, propagada em larga escala pelos níveis de produção e de consumo e pelo fato de que o valor dos indivíduos corresponde ao valor do mercado. Na verdade, nada escapa aos valores atribuídos pelo mercado. Já a infantilização do sujeito ocorre paralela à produção e à vida social, que é pensada e organizada em nosso lugar. Tudo vem pronto, de modo que a infantilização de todos os comportamentos em todos os meios e em todos os pontos do planeta torna-se obrigatória. As pessoas passam a depender dos modelos constituídos, sobretudo em relação ao Estado, que controla os equipamentos coletivos.

Dessa forma, a ordem capitalística é projetada na realidade material e psíquica das pessoas, incidindo não somente sobre suas ações, mas também sobre seus pensamentos, gestos, afetos, percepções e memória. Isso significa que também nas instâncias intra-subjetivas nada escapa à modelização do capital. Decorre daí a fabricação tão pouco conseqüente da relação que o homem mantém com a produção, a natureza, os fatos e com seus movimentos, dos mais ínfimos aos mais complexos. De fato, o que se fabrica? A relação do homem com o mundo e consigo mesmo, como se a ordem do mundo e das coisas não pudesse ser alterada.

Pelo exposto, pode-se dizer que a produção da subjetividade pelo CMI esvazia a capacidade humana de produzir a sua própria singularidade e não reconhece as dimensões essenciais da existência que tocam realidades transcendentais, tais como a morte, a dor, a solidão, o tempo (veja-se, por exemplo, o comportamento do capitalismo liberal frente à pandemia da covid-19). Dessa forma, tudo que é do domínio da ruptura, da criação, da singularização e da dissidência acaba se encaixando nos registros de referências dominantes e impõe um tempo externo às pessoas, na mesma medida em que coloca tudo sob o crivo da codificação, da programação e do cálculo. A ordem é produzir; produz-se tanto para opressores quanto para oprimidos.

Mas, Guattari deixa claro que a esta aparente onipotência do CMI há uma série de possíveis vias de mudanças em vários níveis, isto é, linhas de fuga que os sujeitos podem e devem traçar/inventar, se desterritorializando e se reterritorializando dos mais diversos modos; provocando, com isso, as chamadas revoluções moleculares. Isso significa que o combate à subjetividade capitalística não deve se dar com práticas e referências arcaicas, retrógradas e muito menos com posturas maniqueístas. Para que se efetivem esses processos, os sujeitos devem sair de seus próprios modos de referências e criar brechas e fissuras nos sistemas de subjetividade dominante.

Em outras palavras, contra essa máquina universalizante de produção da subjetividade – que caminha a passos largos e que gera uma cultura de caráter universal, em que se encontra fortemente presente uma força coletiva de controle social –, Guattari propõe a construção de novos modos de sensibilidade, de relações, de produção e de criatividade; modos esses, que possam produzir uma subjetividade singular, uma forma de singularização existencial, que desperte nos indivíduos a vontade de construir uma sociedade com novas formas de valores e com existências singularizadas. Assim, há que se ponderar que apesar das críticas direcionadas aos estragos produzidos pela produção capitalística no seio do capitalismo mundial integrado, na leitura de Guattari, ainda há possibilidades de que novos territórios existenciais nasçam, abarcando diversos grupos sociais minoritários, com suas formas de culturas particularizadas, via revoluções moleculares.

2. Do indivíduo à subjetividade, da individualidade à singularidade

Em função de uma gama de mutações, desterritorializações e reterritorializações, a contemporaneidade emerge com características bem específicas e fazendo frente a muitos conceitos forjados no seio da era moderna. Seguindo essa perspectiva o pensamento de Guattari propõe uma revisão do conceito de indivíduo e de individualidade, para colocar em seu lugar a subjetividade/subjetivação e a singularidade. Mas por que o fazer? A justificativa está em que o conceito de indivíduo propõe uma forma de individuação dos corpos equivocada. O indivíduo em sua concepção tradicional é registrado, serializado, modelado e totalizado em si mesmo. Ocorre, porém, que a subjetividade individual não é de forma alguma simplista como a era moderna a fez parecer, ela resulta de determinações coletivas de várias espécies, não apenas sociais, mas econômicas, tecnológicas, midiáticas; resulta, enfim, de uma complexidade de elementos que constituem propriamente o mundo contemporâneo no

contexto do Capitalismo. Situado nesta realidade, o indivíduo encontra-se na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade, entre os quais alguns são inconscientes, outros são do domínio do corpo e outros são do domínio da produção do poder.

Assim, aquele conceito de indivíduo, em sua acepção tradicional é questionado no mundo contemporâneo. Vale lembrar, que a partir da moderna sociedade capitalista, nascente às voltas do século XVIII, o indivíduo passa a ser, teoricamente, um ser de direito e concretiza sua existência numa unidade evidente da pessoa, correlativa a um sistema de identificação que segue um modelo universal. Contrariamente a essa visão, Guattari identifica na contemporaneidade uma subjetividade mais ampla, na qual se insere a subjetividade capitalística, bem como a possibilidade de contraposição a ela.

Vale lembrar que na era moderna a subjetividade permaneceu ligada a modos de produção territorializados, tais como a família e a sociedade. No mundo atual ocorre, porém, um movimento geral de desterritorialização das referências subjetivas. E quais teriam sido as consequências disso? Com a emergência da força coletiva de trabalho acabaram por surgir novas coordenadas de produção dessa subjetividade, bastante ligadas às novas tecnologias da informação, ao aparelho midiático e, poder-se-ia dizer, às redes sociais. Tal sistema, desde a sua instauração na sociedade capitalista, bloqueia todo e qualquer processo de singularização e instaura processos de individualização contrários à pluralidade e à polifonia. Portanto, evocar o sujeito por sua individualidade consiste em circunscrevê-lo num quadro de referências específico, ligado a uma subjetividade dominante. A esse respeito Guattari e Rolnik observam:

Os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida. Passam, então, a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam. Esvazia-se o caráter processual (para não dizer vital) de suas existências: pouco a pouco eles vão se insensibilizando. [...] *É, portanto, num só momento que nascem os indivíduos e morrem as potências de singularização.* (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p.38. Grifos do autor)

Segue-se que o conceito de indivíduo torna-se insuficiente para compreender aquilo em que configura cada identidade na atual sociedade do capital. Ao adotar o conceito de subjetividade ou de processos de subjetivação por contraposição à individualidade do sujeito, Guattari quer reforçar as identidades, singularidades e diferenças pertinentes ao mundo contemporâneo. O conceito de subjetividade é, nesse sentido, mais amplo do que o de indivíduo. Ele comporta a singularidade como um elemento de ordem existencial, passa por uma criação singular e, conseqüentemente,

não se refere à identificação do sujeito com elementos externos. Ao contrário, diz respeito a elementos internos. Simplificadamente, refere-se à maneira como a gente se sente, respira, fala e deseja. Nesse sentido, poder-se dizer que o processo de subjetivação ou de singularização não tem nada a ver com o indivíduo em si e isolado, ao contrário é formado por uma pluralidade intra e extrapessoal. Ficar preso ao indivíduo significa, então, romper com todas as riquezas dos processos de vida social, produzir seres iguais e processos empobrecidos ao sabor das determinações mercadológicas. Em *Micropolítica: cartografia do desejo*, Guattari e Rolnik argumentam que sempre nos depararemos com o corpo do indivíduo, mas

[...] a produção da fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo não se cola automaticamente a essa representação do indivíduo. Essa produção é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutação de universos de valor e de universos históricos. (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p.32)

Do exposto resultam questões importantes, a saber: de que modo é possível produzir novos agenciamentos de singularização que trabalhem pela sensibilidade estética e pela mudança da vida na esfera cotidiana e, concomitantemente, pelas transformações sociais no âmbito dos grandes conjuntos econômicos e sociais? Como assegurar uma divisão social da produção sem, com isso, fechar os indivíduos em sistemas de segregação opressora? O caminho apontado por Guattari pressupõe que as pessoas individualmente ou unidas em grupos ou coletivos devem se firmar nas posições singulares que ocupam e por via de uma espécie de micropolítica construir outras formas de subjetividade, as revoluções moleculares, que geralmente irão se contrapor à essa padronização serializada dos sujeitos, determinada pelo capitalismo mundial integrado.

3. Micropolítica: as revoluções moleculares das minorias

As revoluções moleculares representam para Guattari resistências aos processos de individuação, que têm por objetivo o controle social por meio da produção de uma subjetividade de caráter universal e em escala planetária. Revoluções moleculares nascem das pulsações do desejo tanto em instâncias micros como em grande escala social; e compreendem três níveis: o infrapessoal, o das relações sociais e o das relações de forças políticas. No primeiro nível habitam os processos infrapessoais de dimensão molecular e diz respeito à pessoa individualmente. Já o segundo e o terceiro níveis

representam as concatenações das relações sociais, econômica, políticas e maquínicas. O que está por trás dessas revoluções? A riqueza das produções semióticas das etnias, dos grupos e das sociedades em contraposição à manipulação, culpabilização, segregação e infantilização impostas às pessoas pelo CMI.

Resistência e resignificação a esse estado de coisas talvez sejam as pulsões mais significativas operadas pelas revoluções moleculares contemporâneas. Guattari crê que não obstante à toda a opressão continua a existir uma capacidade de resistência, de reação e até mesmo de ofensiva, que tende a ganhar importância nos acontecimentos vindouros. Essas resistências representam modos de subjetivações originais e singulares, capazes de operar seu próprio trabalho de semiotização, de desterritorializar e de reterritorializar os sujeitos, de torná-los capazes de fazer e desfazer alianças, bem como de construir seus próprios modos de referências teóricas e práticas. E por que isso acontece? Porque essas pessoas ou grupos não se colocam em relação de dependência com os poderes centrais globais; produzem uma vida que possui sentido próprio; frustram os mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos.

Nesse sentido, é de se perguntar: o que se destaca de mais importante nas revoluções moleculares? O calor nas relações, a afirmação positiva da criatividade, a multiplicidade das vontades e a resistência social, que se caracteriza como um elemento de importante contraposição aos modos dominantes de temporalização e espacialização. Guattari acredita ser possível inventar/criar uma vida para além das imagens construídas pelo atual modo de produção. Essa criação seria micropolítica, livre da produção em série da subjetividade. Sobre essa questão, afirma o pensador:

Mesmo uma criança de dois anos, quando tenta organizar seu mundo, construir sua própria maneira de perceber as relações sociais, apropriar-se das relações com as outras crianças e com os adultos – essa criança participa, à sua maneira, da resistência molecular. E o que ela encontra? Uma função de equipamento subjetivos da televisão, da família, dos sistemas escolares. Portanto, a micropolítica dessa criança envolve pessoas que estão em posição de modelização em relação a ela.

É possível subverter essa posição. As pessoas que experimentaram, com seriedade, outros métodos educacionais, sabem muito bem que se pode desmontar essa mecânica infernal. Com outro tipo de abordagem, toda essa riqueza de sensibilidade e de expressão própria da criança pode ser relativamente preservada. (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p. 54)

É importante ressaltar que as revoluções moleculares abarcam a problemática do questionamento ao sistema capitalístico como um todo, que não é do domínio exclusivo das lutas sociais e políticas, se refere também às realidades internas dos sujeitos, passando por níveis semióticos heterogêneos e envolvendo dimensões significativas do

desejo. Não se trata, pois, de uma simples questão de ideologia ou de prática política, mas de um contundente investimento no “desejo”. “Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo”. (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p. 27)

A tese defendida por Guattari é a de que o sujeito é um ser de natureza industrial e maquínica, isto é, um ser fabricado, modelado. A produção da sua subjetividade se dá no nível industrial, em escala internacional e no contexto da evolução das forças produtivas em suas formas mais desenvolvidas, em que se incluem as revoluções científicas, biológicas, informática, telemática, robôs e equipamentos coletivos como a mídia. Todos esses elementos atingem o psíquico e modelam os sujeitos internamente de forma a operar diretamente nos seus corações, em suas formas de perceber o mundo e de se articular socialmente. Não há, portanto, uma contraposição entre as relações de produção econômica e as relações de produção subjetiva. A indústria e o trabalho, por exemplo, produzem, ao mesmo tempo, algo de material e de semiótico. Esse ambiente maquínico é construído desde a infância e passa pela vida doméstica, pela escola, TV, Mídias, chegando ao inconsciente dos indivíduos. Como psiquiatra, Guattari observa que os que estão fora dessa realidade maquínica, como por exemplo, as crianças, as sociedades arcaicas, os atingidos em algum grau de diferenças psiquiátricas nos possibilitam ver um outro tipo de sociedade possível. Isso quer dizer que um processo de singularização como o que fazem as crianças ou os esquizofrênicos pode ganhar importância, do mesmo modo como um grande poeta, músico ou pintor podem, com suas visões singulares, desencadear uma mutação nos sistemas coletivos de escuta e visão.

A proposta de micropolítica apresentada por Guattari parte do pressuposto de que a história não é feita apenas pelos partidos, grandes líderes ou movimentos sociais e econômicos de grande escala, mas também pelas ondas moleculares. Um exemplo poderia ser o Irã contemporâneo, onde houve uma série de fenômenos religiosos que uniu o povo contra um governo opressor. Sobre a experiência iraniana, Guattari destaca:

As pessoas foram para a morte, aos milhares, porque estourou, porque houve uma revolução subjetiva. Tudo isso se institucionalizou sob esse fascista do Khomeini, e ainda assim não acabou. Todo o mundo árabe muçulmano rejeita a subjetividade capitalística. Isso não quer dizer que sejam progressistas; quer dizer, sim, que a supremacia da produção capitalística na história não é tão evidente. A verdadeira revolução social passa pela capacidade de se articular, de deixar o processo de singularização se afirmar. (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, p. 56)

Seguindo a perspectiva das singularidades e revoluções moleculares, Guattari identifica também na Alemanha e na França setores alternativos estruturados desenvolvendo formas subjetivas coletivas, que o capitalismo julgava ter superado. Uma parte da juventude se recusa a se integrar no processo produtivo e cultural dominante. Sobre o Brasil, já na década de 1980, o pensador francês destaca o risco do microfacismo, do desenvolvimento de cânceres fascistas, que não consiste na criação de sistemas de controle e de sobrecodificação, mas na instauração de dispositivos que articulem os modos de expressão dissidentes aos modos de expressão dominantes. Trata-se de uma espécie de junção de formas supermodernas a arcaísmos extremados, isto é, da união de: elementos capitalistas atuais com elementos pré-capitalistas e anticapitalistas, que o movimento do modo de produção se encarrega de criar, conservar e/ou atualizar. Em qualquer se seja a nação, o modo como os indivíduos são modelados pelo sistema é mais portador de desordem e entropia do que de sensibilidade ou de sistemas que possam se desenvolver à revelia das estruturas dominantes.

Assim, a contragosto das posturas arcaicas radicais, as comunidades LGBTQIA+ trabalham, em micro e macro instâncias, e em nível mundial para que seu devir se introduza na sociedade. O feminismo, igualmente, torna-se portador de um devir feminista e trabalha não somente pelos direitos da mulher, mas por uma nova produção material, social e econômica do desejo. As representações negras, no mesmo caminho, traçam seus devires e empreendem sua presença e força no mundo. Ouvimos seus gritos oprimidos, a partir de grandes esforços, ecoarem em nosso meio e fazerem valer os direitos de seus processos de singularidades. Mas, nessas reivindicações algo precisa ser considerado:

Se hoje se colocam problemáticas como a da subjetivação dos negros no Brasil ou dos homossexuais na França, isso não quer dizer que haveria uma espécie humana, uma natureza negra, uma natureza homossexual, ou então universais de negritude, universais de homossexualidade, que seria necessário recuperar. [...]. A homossexualidade que os homens constroem não é algo que os especifique em sua essência, mas sim algo que diz respeito diretamente à relação com o corpo, à relação com o desejo [...]. Isso não quer dizer que os homossexuais pretendem fazer proselitismo ou instaurar uma ditadura da homossexualidade. Quer dizer, simplesmente, que a problemática que eles singularizam em seu campo não é do domínio do particular ou menos ainda, do patológico, e sim do domínio da construção de uma subjetividade que se conecta e se entrelaça com problemáticas que se encontram em outros campos, como o da literatura, da infância, etc. (GUATTARI, F; ROLNIK S, 1996, pp. 74-75)

É oportuno, portanto, destacar que a questão do racismo, do feminismo, da homossexualidade, entre outros de ordem minoritárias não se coloca no nível das entidades culturais ou ideológicas, mas no nível em que se articula a construção e a produção das subjetividades. Assim, a problemática principal trabalhada pelas minorias gira em torno da pluralidade e da multiplicidade e não de uma identidade cultural unívoca. O retorno ao idêntico e ao universal, na verdade representa um retorno ao arcaísmo e a ideia de identidade cultural paralisa os novos processos de singularização e os devires. Mas como as estruturas dominantes reagem em relação às minorias? A tendência é que desencadeiem processos de minorização e de infantilização em relação a elas. Tais processos atravessam fortemente o conjunto das sociedades fundadas no modelo do capital e quando não atingem os grupos minoritários, impõem a minorização e a infantilização da maioria deles. Em contraposição a esse estado de coisas, a micropolítica estuda um modo de não acontecer nos processos de singularização, uma reificação ou uma imposição dos grupos no devir individual de cada um. Evita que os processos de singularização não se neutralizem mutuamente e, de fato, garantam a pluralidade. Isso é o que busca a micropolítica num esforço de romper com a máquina de produção de pessoas individualizadas e da divisão binária e maniqueísta das pessoas e das coisas.

É na defesa das minorias e de seus espaços, das identidades plurais, dos novos territórios, da resistência e das resignificações subjetivas; bem como das resignificações políticas, que Guattari alerta, em *Cosmose*:

Não se pode conceber resposta ao envenenamento da atmosfera e ao aquecimento do planeta, devidos ao efeito estufa, uma estabilização demográfica, sem uma mutação das mentalidades, sem a promoção de uma nova arte de viver em sociedade. Não se pode conceber disciplina internacional nesse domínio sem trazer uma solução para os problemas da fome no mundo, da hiperinflação do Terceiro Mundo. Não se pode conceber uma recomposição coletiva do socius, correlativa a uma re-singularização da subjetividade, a uma nova forma de conceber a democracia política e econômica, respeitando as diferenças culturais, sem múltiplas revoluções moleculares. Não se pode esperar uma melhoria das condições de vida da espécie humana sem um esforço considerável de promoção da condição feminina. O conjunto da divisão do trabalho, seus modos de valorização e suas finalidades devem ser igualmente repensados. A produção pela produção, a obsessão pela taxa de crescimento, quer seja no mercado capitalista ou na economia planificada, conduzem a absurdidades monstruosas. A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.“ (1992, p. 33)

5. Considerações Finais

Em contraposição, pois, à configurada subjetividade capitalística Félix Guattari propõe a construção de novos territórios existenciais, modos de sensibilidade e de relações de produção pela via das revoluções moleculares e da micropolítica. Na análise da problemática exposta, é colocado em questão de que modo produziremos novos agenciamentos de singularização que trabalhem pela sensibilidade estética e pela mudança da vida na esfera cotidiana, bem como pelas transformações sociais no âmbito dos grandes conjuntos econômicos, políticos e sociais. É fundamental assegurar o espaço das minorias e a introdução do seu devir e de sua força na sociedade, haja vista o risco eminente de posturas reacionárias ultraconservadoras, racistas e neofacistas, compreenderas de uma democracia às avessas, se afirmarem e ganharem espaço na sociedade.

Como foi visto, Guattari propõe uma grande crítica ao modo de vida operado no contexto do CMI, assim como aos processos de subjetivações contemporâneos. Mas, ao mesmo tempo, nos apresenta a possibilidade de reconciliar o caos e a complexidade dos ordenamentos de subjetivação atuais, indicando uma oscilação de velocidade infinita sob as quais as coordenadas humanas se instauram. O caos detectado pelo pensador abarca a singularidade, possui uma trama ontológica específica e encontra-se povoado de entidades virtuais e de modalidades de alteridade que não possuem nada de universal. O caos apresenta, porém sua necessidade, já que é passando por esse território autoimplosivo e pelas oscilações perigosas, que o nascimento do novo se apresenta como possível. Dele podem advir bifurcações ontológicas e coeficientes criacionais intensos, capazes de se contrapor-se aos riscos a que o mundo atual está submetido.

É inegável que os valores capitalísticos têm levado a uma implosão geral das territorialidades existenciais. Com suas referências binárias de caráter maniqueístas, eles têm se infiltrado no coração mortífero dos sistemas, dissolvendo a possibilidade de tomada de consciência dos universos de valor. Para fazer frente a esse estado de coisas é preciso refundar todo o processo, se faz necessária uma revisão axiológica que inclua diversas modalidades maquínicas de valoração, entre eles valores econômicos, sociais, estéticos, tecnológicos e ecológicos. Nesse cenário, é preciso evitar ilusões progressistas, bem como visões pessimistas. Entramos numa era pós-mídia – e isso fica claro, quando se identifica o crescimento e a força das redes sociais. Essa era pós-mídia, na perspectiva de Guattari, teria todas as condições de voltar-se para uma resignificação da existência humana, de modo a levar em conta as identidades, as pluralidades e as

diferenças; e a apontar para um modo mais positivo de resignificação dos sujeitos em sua relação com o mundo, com o meio ambiente e com os elementos coletivos e sociais. Mas como fazê-lo? Levar as minorias a fundar a alteridade e os tecidos sociais colaborativos; e procurar disseminar, de um modo geral, uma nova e mais rica subjetividade, assim como uma nova estética para a nossa existência, baseada na cooperação, na alteridade, nas identidades e nas diferenças.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **As Três Ecologias**. 11ª Ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2001.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIBEIRO, Vladimir Moreira Lima. **O paradigma estético de Félix Guattari**. Griot: Revista de Filosofia, A, argosa – BA, v19, n.1, p1-24, fevereiro 2019.

ROLNIK, Suely. **Novas Figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea**. 1999. Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em 29, novembro, 2013.